

Resenha Elogio da razão sensível¹

Juliano Batista dos Santos

Observando o mundo contemporâneo, Michel Maffesoli, em sua obra *Elogio da razão sensível*, elabora uma discussão entre, de um lado, as razões da razão abstrata, e, de outro, as intuições e as pretensões da razão vital. A primeira representa a hegemonia de um grupo específico, que se pauta em narrativas de cunho acadêmico predominantemente binário. A segunda busca valorizar os saberes do cotidiano, os saberes relativos que estão ligados ao instinto do senso comum como algo imprevisível, trágico, não racional e imaginário.

Na prática significa afirmar que o autor é um crítico das sociedades disciplinares que, devido ao advento e à popularização dos meios de tecnologia da comunicação, deixou de ser uma “gaiola”, como afirmava Weber, e se transformou em sociedade aberta, de modo que as relações de poder, impostas por mecanismo de disciplina aos corpos dóceis, se revelou falida, na medida em que as manifestações individuais passaram a serem múltiplas, infinitas, bifurcadas em pensamentos e ações, locais em que o senso comum ganhou força e não pôde mais ser ignorado; e nem deve, pois ele se tornou uma maneira de abordar o real em sua complexidade fluida sem abandonar as linhas do incerto e da efervescência do social na vida coletiva, como é próprio do raciovitalismo.

Nesse passo, a compreensão do conhecimento comum na pós-modernidade descreve o estado de espírito em que interpretar se tornou mais importante do que explicar os fatos, cuja consequência é a valorização de uma nova metodologia, não crítica, mas baseada na razão sensível, no pluralismo de ideias e na valorização do cotidiano como o local de união entre o viver e o pensar, que Nietzsche define como saber dionisíaco, em oposição à razão instrumental.

O que está em jogo é a valorização do ordinário, mas não como queiram os românticos que, se opondo ao racionalismo iluminista, valorizavam apenas às paixões, os sentimentos, a imaginação; no ordinário, é preciso valorizar a mul-

¹ MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

tiplicidade, não apenas das emoções, mas também do intelecto e do cotidiano em que a vida é produzida, uma vez que o indivíduo, na unicidade do corpo e da mente, é uma explosão de forças vitais, racionais e passionais, possíveis somente no mundo das sombras, que é o único local onde existe a vida na vida.

Maffesoli sugere que é preciso demarcar o caminho da pós-modernidade, da mesma forma como fizera Descartes ao delimitar o da modernidade. O pensamento desse último e de vários outros teóricos, defensores da razão abstrata, em que a representação da ideia se separa da vida, já não consegue prevalecer na contemporaneidade, que é momento histórico em que a aparência, o senso comum ou a experiência vivida, por meio da razão interna, retomam uma importância que a modernidade havia lhes negado, a saber: a valorização da razão sensível nos fenômenos sociais por meio de uma adequação entre o interior e o exterior, o imaterial e o material, como a expressão da união dos contrários em uma só sinfonia, cujo benefício é o resgate da vida.

Na pós-modernidade, tornou-se necessário romper com a visão unívoca e equivocada de que o mundo pode ser dominado pelas luzes da razão. O próprio autor, M. Maffesoli, para refutar essa ideia racionalista, utiliza o argumento psicológico, porém válido, de que a sombra do irracional é proporcional à luz da razão, ou seja, quanto maior a consciência maior será a vitalidade do universo sensível. Porquanto o maior problema do racionalismo foi trancar-se em uma fortaleza vazia, cujo enclausuramento na consciência pura foi pouco a pouco distanciando a razão do mundo circundante, daí o conceito de razão fechada como doutrina incapaz de perceber a vida em seu desenvolvimento.

Todavia, a questão não é negar o racionalismo puro e duro e simplesmente adotar o irracionalismo, como propunham os românticos do século XIX; ao contrário, a questão consiste em pôr em prática uma deontologia que saiba reconhecer em cada situação de nossa vida, por meio do senso comum, a dicotomia da sombra e da luz, do corpo e da alma, que ali existe como uma sinergia entre razão e sentidos, uma espécie de organicidade fecunda, cuja proposta é substituir a representação pela apresentação das coisas, a paranoia (que pensa de modo impositivo) da modernidade pela metanoia (que pensa ao lado) que se iniciou na segunda metade do século XX.

Nesse jogo é necessário perceber a existência de dois grupos de intelectuais, a saber, os intelectuais críticos e os intelectuais orgânicos. Os primeiros represen-

tam as concepções da modernidade que se baseiam na razão fechada (unidade da razão) cujo pensamento é em si, isto é, nega a vida vivida por causa da dicotomia moderna em que aquele que pensa não vive e aquele que vive não pensa. Os segundos representam as concepções da pós-modernidade que se baseiam na razão aberta, multiplicidade e unicidade das forças vitais, no sentido de valorização da vida e da não separação entre viver e pensar, em toda a sua diversidade, em todo o seu devir.

O racionalismo dos intelectuais críticos por transcender ao mundo da representação, em que há uma perfeita congruência entre o sujeito e o seu objeto, se tornou abstrato, imóvel, estático e, conseqüentemente, dogmático. Na prática significou a recusa do mundano, o rompimento com uma vida de pura fruição, na qual o sensível, o afeto e a comunhão com a natureza constituem o essencial da existência humana; a razão fechada tornou-se incapaz de reconhecer o potente vitalismo que move toda a vida social, devido ao fato de a própria vida não poder ser reduzida a uma ordem abstrata.

É por meio da descrição, intuição e metáfora que razão sensível, na contemporaneidade, se embriaga de vida, ao evitar a amputação dos sentimentos que estão impregnados na razão, na forma de se interpretar o mundo em seu dinamismo, potência e complexidade; essa sensibilidade resgata o desejo de interação entre o conhecimento e o viver, sem excluir um ou outro, que paradoxalmente ou não, coexistem harmonicamente no cotidiano, mas não no mundo das ideias, que, ao nomear o que se apreende, mata aquilo que é nomeado. Dito de outro modo: no mundo proposto pelo demiurgo, o que existem são entidades metafísicas preexistentes que representam ideias separadas das forças vitais.

Compreender que a razão aberta integra o seu contrário é o pressuposto fundamental para a compreensão daquilo que pretendem os intelectuais orgânicos, que negam a ideia do deve ser e buscam apresentar a vida como ela é: enraizada no mundano por meio de manifestações naturais, históricas e sociais que vinculam ciência e arte, conceito e forma, corpo e alma, que é peculiar à realidade em sua totalidade. Nessa perspectiva, não há uma verdade única e universal aplicável em qualquer tempo e lugar, ao contrário, há uma multiplicidade de valores que relativizam uns aos outros, ora se opondo ora se complementando, lado a lado, sem se excluírem; é o microcosmo/individual e o macrocosmo/social respondendo um ao outro no interior do mundo social, cada qual segundo as suas qualidades culturais.

Portanto, o raciovitalismo, como estreita ligação entre um conceito que caracteriza uma civilização e a vida que o exprime, expressa a transfiguração da matéria pela razão interna que a anima em toda a sua totalidade histórica e cultural, possível somente na pós-modernidade por meio da razão orgânica, que não é *a priori* nem *a posteriori* (monoteísmo de valores) e sim *a fortiori* (politeísmo de valores) que são construídos a partir do triângulo perfeito entre o homem, o social e a natureza que apreendem o mundo como vontade de potência imanente, e não transcendente. Em suma, uma fruição imediata sem projeto voltado para o além, em que o senso comum, por meio da intuição e da metáfora, enquanto sensibilidade intelectual, enraíza dinamicamente no presente, o passado e o futuro.

SOBRE O EMPREGO DE DIVERSOS CONCEITOS PRESENTES NA OBRA

Os conceitos de intelectuais críticos, razão fechada, razão abstrata, unidade, dicotomia, representação, explicação, exterioridade, racionalismo, paranoia, razão instrumental e fórmula, operam dentro do campo contemporâneo da modernidade e são empregados, no livro *Elogio da razão sensível*, em um mesmo sentido. Já os conceitos de intelectuais orgânicos, razão aberta, razão sensível, unicidade, multiplicidade, apresentação, interpretação, interioridade, raciovitalismo/razão vital, metanoia, razão seminal e formismo, operam dentro do campo contemporâneo da pós-modernidade e também são utilizados em uma mesma perspectiva.